

Conhecimento histórico e cultura popular

Thamar Kalil de Campos Alves¹

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar reflexões que analisam a temática da cultura popular. A mesma permite construir conceitos, leituras, valores, inquietações sobre alguns elementos que se encontram à margem de estudos dominantes. O saber escolar por excelência produz e divulga conhecimentos na escola e o que se apresenta no texto é o histórico e a viabilidade desses para difusão da cultura popular. Desta forma, serão apresentadas reflexões que apontam uma possibilidade de se discutir articulando cultura popular, estudo histórico da América Latina e identidades.

Palavras-chave

Cultura Popular. América Latina. Identidades.

1. Doutoranda em Educação na Universidade Federal de Uberlândia, bolsista CAPES. E-mail: welltha@terra.com.br

Knowledge history and popular culture

Thamar Kalil de Campos Alves*

Abstract

The aim of this paper is to present ideas that analyze the theme of popular culture. The theme can build concepts, readings, values, and concerns about some elements which are in the margin of dominant studies. The school excellence knowledge produces and spreads the knowledge learned in school and what appears in the text is the history and viability of both ones for diffusion of popular culture. Thus, reflections will be presented which point to a possibility of discussing articulating popular culture, historical study of Latin America and identities.

Keywords

Popular Culture. Latin America. Identities.

* Doctor degree student in Education at Universidade Federal de Uberlândia. Scholarship of CAPES. E-mail: welltha@terra.com.br

Introdução

Refletir a cultura popular significa refletir inúmeras e importantes questões para o fazer histórico, tais como as definições do que é popular, a memória histórica, as relações estabelecidas entre os populares e as classes dominantes e de como determinados elementos das camadas detentoras do poder econômico compreendem a cultura popular.

Alguns pensadores, como Barbero, Gramsci, Williams, Hall, Ortiz e Thompson, ampliam a discussão e desenvolvem trabalhos significativos, permitindo-nos uma compreensão mais abrangente das relações humanas e todos que compõem esse universo de contradições, resistências, tradições e aceitações.

No que tange o processo de ensino da temática América Latina e ao analisarmos à luz da História da disciplina de História da América no Brasil e visitarmos os currículos oficiais do período que abrange o Brasil Imperial até o final do século XX, a temática apresenta-se como uma tentativa de desvalorização da latinidade americana.

O ensino sobre a América Latina, na Educação Básica brasileira, configurado em momentos distintos de maneiras diversas vai do ocultamento da temática até a utilização destas para atender interesses norte-americanos. Pensamos que isso venha a ser um desdobramento das relações internas e externas do Brasil de contextos históricos distintos e também por existir uma intencionalidade na elaboração dos currículos educacionais, bem como, dos programas de ensino e materiais didáticos pedagógicos que irão atender a determinadas conjunturas e contextos.

Como exemplo podemos observar, nas indicações bibliográficas de alguns cursos de História, o número de autores da América Latina, bem como nas livrarias e bibliotecas. Contudo, a eles não se presta o devido valor. Por que não indicá-los, usá-los? Não seria mais precioso que todas as obras circulassem? O que produzem e pensam os latino-americanos

sobre si mesmos e a respeito da América Latina? Essas são algumas provocações que não temos o intuito de respondê-las e de sim compartilharmos como inquietações.

Pensamos que para entrelaçar o ensino de História com os estudos da Cultura Popular, esta também deveria obter mais espaço nos cursos de formação de professores, bem como, nos cursos de História, permitindo assim uma visão mais ampla do fazer histórico.

A Cultura Popular e suas implicações

Para falarmos de Cultura Popular surgem alguns questionamentos, dentre eles: o que é Cultura Popular? Qual a sua relação com as camadas dominantes? O que é negar a Cultura Popular? Podemos dizer que foi redescoberta? Por que estudar América Latina pelo viés da cultura popular?

Na tentativa de se compreender as inquietações do que é Cultura Popular, Stuart Hall afirma que:

essa definição considera em qualquer época, as formas e atividades cujas raízes se situam nas condições sociais e materiais de classes específicas; que estiveram incorporadas nas tradições e práticas populares. Neste sentido, a definição retém aquilo que descrita tem de valor. Mas vai além, insistido que o essencial em uma definição de cultura popular são as relações que colocam a “cultura popular” em uma tensão contínua (de relacionamentos, influência e antagonismo) com a cultura dominante (HALL, 2003, p. 257).

Esclarecendo melhor a questão, podemos raciocinar junto com Thompson, “as generalizações universais da ‘cultura popular’ se esvaziam, a não ser que sejam colocadas firmemente dentro de contextos históricos específicos” (THOMPSON, 1998, p. 17).

Sendo assim, parece-nos que o popular em seus diversos significados estabelece

uma relação dialética com as camadas dominantes, com elementos de luta e aceitação. “É a arena do consentimento e da resistência” (HALL, 2003, p. 263).

No livro “Dos meios às mediações: comunicação, cultura, hegemonia”, Barbero (1997) traz a discussão sobre a temática, importantes pistas para entender as questões a respeito da cultura popular, percorrendo um diálogo com vários autores para entendermos a cultura popular. Estabelece, também, um diálogo com os frankfurtianos², demonstrando uma análise elitista de Adorno com relação à cultura popular e a aproximação das camadas menos abastadas com arte. Já que para Adorno essa arte não pode ser chamada assim; trata-se de uma falácia, a arte perdeu sua áurea, o sublime, passa a ser apenas uma mercadoria sem mediações. Barbero apresenta críticas e reflexões sobre esta maneira como Adorno percebe o processo:

Mas a crítica de Adorno, falando disso, aponta, contudo para outro lado. Cheira demais a um aristocratismo cultural que se nega a aceitar a existência de uma pluralidade de experiências estéticas, uma pluralidade de modos de usar socialmente a arte (BARBERO, 1997, p.71).

Benjamin teve sua obra rejeitada pela Universidade de Frankfurt, que percebia sua metodologia como antiacadêmica. Contudo, obteve financiamento, desenvolveu pesquisas dentro da Escola de Frankfurt e foi bastante criticado pela maneira com a qual desenvolvia suas pesquisas. “Certos amigos de Walter Benjamin como Theodor Adorno e Gershom Scholem tentaram apresentá-lo como um arcano cabalístico” (REX, 1988, p. 30). O papel de Walter Benjamin gerou controvérsias, de acordo com Rex:

as implicações exatas de sua obra permanecem,

2. Nome dado aos pensadores ligados a Escola de Frankfurt. “A gênese da Escola de Frankfurt, na Alemanha das décadas de 1920 e 1930, é inseparável do debate sobre o que constitui o marxismo ou sobre o alcance e o significado de uma teoria concebida com uma intenção prática: a crítica e a subversão da dominação em todas as suas formas” (HELD, 1988, p.127).

porém, como uma questão controversa entre aqueles que o encaram como uma figura de outro mundo, particularmente trágica e abençoada com talentos quase místicos, e aqueles que o enaltecem pelo seu marxismo consistente e penetrante (REX, 1988, p. 30).

Em seu estudo, Barbero demonstra como Benjamin é fundamental para o debate da cultura popular. Ele “não investiga a partir do lugar fixo, pois toma a realidade como algo descontínuo” (BARBERO, 1997, p. 71). Ainda sobre Benjamin: “essa dissolução do centro como método é o que explica seu interesse pelas margens, esses impulsos que trabalham as margens seja em política ou em arte” (BARBERO, 1997, p. 71).

Ainda de acordo com Barbero, Benjamin foi a vanguarda também no que diz respeito às mediações:

Adorno e Habermas o acusam de não dar conta das mediações, de saltar da economia à literatura e desta à política fragmentariamente. E acusam disto a Benjamin, que foi o pioneiro a vislumbrar a mediação fundamental que permite pensar historicamente a relação da transformação nas condições de produção com as mudanças no espaço da cultura, isto é as transformações do sensorium dos modos de percepção, da experiência social (BARBERO, 1997, p. 72).

Na obra já citada, Barbero inclui abordagens como a negação do popular e sua redescoberta:

a negação de sentido e legitimidade de todas as práticas e modos de produção cultural que não vêm do centro, nacional ou internacional, a negação do popular como sujeito não só pela indústria cultural, como também por uma concepção dominante do político que tem sido incapaz de assumir a especificidade do poder exercido a partir da cultura, e tem achatado a pluralidade e complexidade dos conflitos sociais sobre o eixo unificante do conflito de classe (BARBERO, 1997, p. 85).

Compartilhamos novamente da idéia de Barbero a respeito da redescoberta do popular, que “resitua o lugar” do popular ao assumi-lo como parte da memória constituinte do processo histórico, presença de um sujeito-outro até pouco negado por uma história. Com isso, assimila-se à ideia de que se produz História com os costumes, valores, cultura, a partir dos desempregados, dos marginalizados e das classes subalternas, que pode se explicar por:

classes subalternas: expressão que Gramsci se vale, a maior parte das vezes, para designar as classes sociais, que são objetos de dominação econômica, política e ideológica: o proletariado, os trabalhadores... os pobres etc. (MOCHCOVITCH, 1992, p. 67).

Sendo assim, valer dos estudos da cultura popular, viabiliza uma leitura mais ampla dos processos sociais das contradições inerentes às relações humanas e ao próprio processo histórico. Ao incluirmos as análises e autores dos estudos da cultura popular no estudo histórico latino-americano podemos compreender melhor as relações sociais dos diversos sujeitos e das organizações humanas.

A educação escolar no ensino de História e identidade latino-americana

O processo educacional escolar carrega em si todas as contradições sociais, ou seja, a educação escolar não é neutra.

A educação transmite o conhecimento e as habilidades necessárias, mas através de uma seleção entre todas as possibilidades, e com atitudes intrínsecas, tanto para com o aprendizado como para as relações sociais, que são na prática virtualmente inseparáveis (WILLIAMS, 1979, p. 121).

No que diz respeito, especificamente, ao ensino de História da América, Dias afirma que “tem-se buscado refletir e analisar os limites e possibilidades do ensino de História da América

na cultura escolar, elegendo a escola como locus de (re)invenção de práticas e saberes” (DIAS, 2006, p.78). Se a escola é um espaço de (re) construção, cabe, por analogia, o estudo cultural popular e/ou a investigação do espaço latino-americano pelo viés da Cultura Popular. Parece-nos que o estudo da América Latina precisa ser refletido e, acerca disto, Cristofoli observa:

a inclusão de temas de América tem se caracterizado por profundas descontinuidades. Há ainda questões para esclarecer e aprofundar em relação a uma identidade latino-americana e para um ensino da História que olhe mais atentamente para os conteúdos de América. Ao mesmo tempo, percebemos a necessidade de superar a visão ora nacionalista, ora eurocêntrica da História trabalhada no Ensino Fundamental e Médio para poder incluir a história americana (CRISTOFOLI, 2006, p. 79).

Compartilhamos com as ideias de Christian Laville ao afirmar que “em todas as épocas, o controle da memória coletiva parece ter sido fator de extrema importância para as sociedades e seus poderes” (LAVILLE, 1985, p. 27). A respeito disto, Ranger e Hobsbawn denominam o conceito de invenção da tradição:

Tradição inventada significa um conjunto de práticas, de natureza ritual ou simbólica, que buscam inculcar certos valores e normas de comportamentos através da repetição, a qual, automaticamente, implica a continuidade com um passado histórico adequado. Por exemplo, nada parece ser mais antigo e vinculado ao passado imemorial do que a pompa que rodeia a monarquia britânica e suas manifestações cerimoniais públicas. No entanto, na sua forma moderna, ela é o produto do final do século XIX e XX (HOBSBAWM; RANGER, 1983 apud HALL, 2001, p. 54).

Diante do que foi exposto, pensamos ser significativo abordar o ensino de História na atualidade, mais especificamente, os vestígios, os indícios da identidade latino-americana,

ressaltando, de acordo com Delgado, a identidade, que “além de seus aspectos estritamente individuais, apresenta dimensão coletiva, que se refere à integração do homem como sujeito do processo de construção” (DELGADO, 2006, p. 50).

De acordo com esta perspectiva, necessitamos do outro para nos identificar. “A formação do eu no ‘Olhar’ do Outro” (HALL, 2001, p 37). Podemos dizer também que o processo identitário por ser um constructo, encontra-se diretamente relacionado com a temporalidade, como o passado, que nos permite algumas localizações referenciais e, na coletividade, um passado comum nos traz identidades comuns, mesmo que esse passado seja marcado por dominação.

A América Latina se constitui, geograficamente, pelos países do continente América do Sul, América Central e o único país da América do Norte, o México. Países que viveram, ao longo dos séculos, desde o início da colonização no século XV até a atualidade, práticas políticas, econômicas, sociais muito semelhantes e, também, bastante diversas, “o social e simbólico referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e a manutenção de identidades” (SILVA, 2000, p. 15), ainda em consonância com a questão identitária podemos comungar com as ideias de Hall:

este breve exame solapa a ideia da nação como uma identidade cultural unificada. As identidades nacionais não subordinam todas as outras formas de diferença e não estão livres do jogo de poder, de divisões e contradições internas, quando vamos discutir se as identidades nacionais estão sendo deslocadas, devemos ter em mente a forma pela qual as estruturas nacionais contribuem para “costurar” as diferenças numa única identidade (HALL, 2001, p. 65).

Dialogando com esta perspectiva:

a construção de identidades é também uma

dinâmica através da qual a identificação das similitudes e a afirmação das diferenças situam os seres humanos em relação aos grupos sociais que o cercam (DELGADO, 2006, p. 51).

Sendo assim, ao refletir sobre o estudo da História como disciplina escolar, os chamados saberes históricos escolares, partimos do princípio de que a disciplina tem como característica o trabalho com valores, relações espaços temporais e, principalmente, a proposta explícita ou implícita de construção de identidades, de referências. Sobre isto, Renato Ortiz, ao citar Strauss, afirma que: “a identidade é uma entidade abstrata sem existência real, muito embora fosse indispensável como ponto de referência” (STRAUSS, 1977 apud ORTIZ, 1994, p. 137).

Nesse sentido, o conceito de identidade no presente artigo deve ser entendido como ideia de pertencimento. E ao enfocarmos a Cultura Popular, esta também deve incluir-se na afirmativa, pois conforme Lúcia Lippi:

tomo como premissa a afirmação de que o pensamento social, brasileiro, norteamericano ou de qualquer outra cultura, faz parte da cultura, tem historicidade, está radicado na vida social (OLIVEIRA, 2000, p. 10).

Para entendermos quaisquer formas de expressão cultural temos que adentrar na forma, como historicamente elas se constituíram, ou seja, conceitos, palavras, maneiras de ver o mundo, que são elementos constitutivos da cultura, estabelecem-se de uma maneira histórica. Melhor dizendo, não é algo inato, mas sim, historicamente construído.

Considerações Finais

Como considerações finais, mais do que respostas prontas, o que fica é a possibilidade de refletirmos, conforme proposto no início do texto, de trilharmos percursos a respeito da

cultura popular e suas implicações. Pensarmos na educação escolar e seus simulacros nas criações de verdades e imposições culturais e identitárias; compreendermos ou mesmo fazermos o exercício da busca do entendimento do que é produzido pelas classes subalternas. E como isto é apropriado, ou não, pelo ensino de História, seja pela práxis da educação básica ou pelos cursos de formação de professores.

Portanto, pensarmos, dentre as

possibilidades, para termos um conhecimento menos fragmentado, ou seja, mais abrangente; buscar vestígios do local e do universal; discutir com nossos pares, sejam professores formadores, alunos em formação a relevância de estudos que contemplem a multiplicidade de identidades, valores, costumes, culturas; investigarmos e difundirmos, resistindo e aceitando, desde que se tenha o conhecimento da escolha.

Referências

- BARBERO, Jesús Martin. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral** – memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- DIAS, Maria de Fátima Sabino e FINOCCHIO, Silvia. Ensino de História das Américas e nas Américas. IN: SIMAN, Lana Mara de Castro (org.). VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Ensino de História: ENPEH: Novos Problemas e Novas Abordagens: **Caderno de Resumos**. Belo Horizonte: UFMG/FAE/ LABEPEH, 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2001.
- _____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- HELD, David. Escola de Frankfurt. IN: BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988. p.127-131.
- LAVILLE, Christian. Em educação histórica, a memória não vale a razão. **Educação em Revista**. n.1. Belo Horizonte: UFMG, 1985.p. 13 – 42.
- MOCHCOVITCH, Luana Galano. **Gramsci e a Escola**. São Paulo: Ática, 1992.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Americanos: representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- REX, John. **Walter Benjamin**. In: BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988. p. 29 – 31.
- THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.
- WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

Recebido em 7 de março de 2009.

Aprovado em 19 de julho de 2009.